

O CORPO BRINCANTE NAS PRÁTICAS SOCIAIS E DE LAZER DOS JOVENS OURO- PRETANOS¹

Denise Falcão²
Yana Santa Cecília Marques³

Resumo: A partir da compreensão de que as juventudes ouro-pretanas são múltiplas e os acessos ao lazer não são equânimes, questões como a experiência de alteridade, o empoderamento dos participantes e a ocupação dos espaços públicos, vieram à tona. A cartografia social e as entrevistas semi estruturadas foram as metodologias utilizadas. Identificou-se que a maioria das vivências de lazer acontecem nas comunidades, fora do centro histórico da cidade, e encontrou-se algumas linhas de fuga, processos de resistência e liberdade e estetização de si mesmo em seus corpos brincantes. De natureza qualitativa essa pesquisa adentra ao universo da juventude ouro-pretana investigando os processos relacionais, os traços identitários, o pertencimento e o engajamento com micropolíticas sociais a partir dos lazes que esses jovens se envolvem.

Palavras-chave: Lazer; Sociabilidade; Juventude; Ouro Preto.

THE PLAYING BODY IN THE SOCIAL AND LEISURE PRACTICES OF YOUNG OURO- PRETANOS

Abstract: From the understanding that Ouro Preto youths are multiple and access to leisure is not equal, issues such as the experience of alterity, the empowerment of participants and the occupation of public spaces came to light. Social cartography and semi-structured interviews were the methodologies used. It was identified that most leisure experiences take place in communities, outside the historic center of the city, and some lines of flight, processes of resistance and freedom and aestheticization of oneself in their playing bodies, were found. Of a qualitative nature, this research enters the universe of the Ouro Preto youth, investigating the relational processes, the identity traits, the belonging and the engagement with social micropolicies based on the leisure activities that these youngsters are engaged in.

Keywords: Leisure; Sociability; Youth; Ouro Preto.

EL CUERPO DE JUEGO EN LAS PRÁCTICAS SOCIALES Y DE OCIO DE LOS JÓVENES OURO-PRETANOS

Resumen: A partir del entendimiento de que los jóvenes de Ouro Preto son múltiples y el acceso al ocio no es igual, salieron a la luz temas como la vivencia de la alteridad, el empoderamiento de los participantes y la ocupación de los espacios públicos. La cartografía social y las entrevistas semiestructuradas fueron las metodologías utilizadas. Se identificó que la mayoría de las experiencias de ocio tienen lugar en comunidades, fuera del centro histórico de la ciudad, y se encontraron algunas líneas de fuga, procesos de resistencia y libertad y estetización de uno mismo en sus cuerpos de juego. De carácter cualitativo, esta investigación se adentra en el

¹ A pesquisa teve apoio da CAPES na forma de concessão de bolsa ProEx 2019/20/21.

² Doutora em Estudos do Lazer, professora na Universidade Federal de Ouro Preto, denise.falcao@ufop.edu.br, <https://orcid.org/0000-0002-7665-4145>.

³ Graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Ouro Preto, yana.marques@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7479-1242>.

universo de la juventud de Ouro Preto, investigando los procesos relacionales, los rasgos de identidad, la pertenencia y el compromiso con las micropolíticas sociales a partir de las actividades de ocio que realizan estos jóvenes.

Palabras clave: Ocio; Sociabilidad; Juventud; Ouro Preto.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira contemporânea é marcada por profundas contradições. Quando observamos a garantia e o respeito à satisfação das necessidades humanas básicas, verificamos que os direitos sociais relatados em nossa constituição como educação, saúde, lazer, moradia e trabalho, sofrem com a questão da desigualdade de acesso. Constatasse que as condições histórico-culturais de organização social impactam diretamente o acesso igualitário dos sujeitos aos direitos sociais, sendo necessário problematizar essa questão em nossa sociedade e trazer à tona os dispositivos, cada vez mais sofisticados e camuflados de processos excludentes, para que seja possível mitigar o controle e a manutenção dessa ordem social.

A partir dessa ótica, esse artigo vislumbra apresentar algumas considerações possíveis a respeito das relações entre lazer, juventude e apropriações de espaços, que a pesquisa desenvolvida no âmbito do projeto de extensão da Escola de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto intitulado O Corpo Brincante: múltiplos olhares para as práticas de lazer, cultura e educação da cidade de Ouro Preto e redondezas, articulou.

Ao chegar em Ouro Preto deparasse com uma cidade setecentista em estilo barroco. Repleta de casarões coloniais, ruas de calçamentos entrecortadas por becos, igrejas por todos os lados, travessas e ladeiras vertiginosas, essa vista descrita fica emoldurada por uma cadeia de montanhas, a Serra do Espinhaço, que tem no pico do Itacolomi o marco iconográfico da cidade. Esse é um dos cenários que compõem a bela Ouro Preto, a primeira cidade do país a ser reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade, desde 1980.

Referência no turismo nacional e internacional, Ouro Preto carrega em suas entranhas a história de uma cidade que já produziu muita riqueza pela mineração de seus ouros, mas também produziu muito sofrimento pela exploração da mão de obra escrava (ou não), nessas minas.

Além da atratividade histórica, arquitetônica, cultural e festiva, Ouro Preto também se constitui como uma cidade estudantil. Dentro dos limites geográficos do município, encontramos a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) com mais de 11 mil alunos (UFOP, 2021) e o Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG/ campus OP) com cerca de 2600 estudantes (RELATÓRIO CPA CAMPUS OURO PRETO, 2019). Essas duas instituições são responsáveis por captar muitos jovens de distintas regiões do país para viver na cidade.

Para se pensar nos lazeres dessas juventudes e suas apropriações dos espaços públicos é fundamental levar em conta a grande diversidade na constituição social da cidade. Outro ponto importante, no qual questões singulares são evidenciadas, é quando o olhar se volta para as cidades turísticas e as relações estabelecidas com seus habitantes a partir das políticas públicas de cultura e de lazer implementadas.

O processo de estetização do mundo promovido por uma lógica capitalista de consumo cultural e de experiências⁴, é sobrecarregado nas cidades turísticas e amplia o jogo de forças nas disputas pelas formas de ocupações e apropriações dos espaços públicos. Observando que a cidade é detentora de um calendário festivo-cultural intenso e seu centro histórico sempre abriga muitos eventos de distintas naturezas (público e privado), com acessos e barreira promovidas de diferentes formas, a investigação, a partir dessas premissas, procurou encontrar por onde esses jovens circulam, em quais práticas se envolvem e de quais espaços se apropriam para suas fruições de lazer.

Augoyard (2004) chama a atenção para a tendência estética global de homogeneização dos espaços públicos e de como é comum se encontrar nas cidades turísticas centros históricos que se assemelham aos parques temáticos pela ambiência criada⁵. Nesses espaços concebidos os sujeitos habitantes locais veem-se limitados no seu agir, no seu expressar, afirma Falcão (2019). Nesse sentido, é possível reconhecer que esse ideal de criação de espaços públicos como espaço concebido⁶ (LEFEBVRE, 1992), nega a espontaneidade da sociabilidade inerente à rua para assumir a desigualdade, a destinação e a separação como valor de organização. A cidade pensada e organizada para os turistas abandona os anseios e as necessidades da população local. Mas a cidade, espaço de contato, de misturas e de tensões reivindica o espaço compartilhado, o espaço vivido⁷ (LEFEBVRE, 1992), constituindo um novo ethos⁸: a urbanidade.

⁴ "A estetização do mundo econômico corresponde a estetização do ideal de vida, uma atitude estética em relação a vida. Não mais viver e se sacrificar por princípios e bens exteriores a si, mas se inventar, estabelecer para si suas próprias regras visando uma vida bela, intensa, rica em sensações e em espetáculos". (LIPOVETSKY; SERROY, 2015, p. 32)

⁵ Para o autor a ambiência são configurações de ambientes cotidianos a partir de práticas estéticas que visam a criar uma urbanidade focada nos efeitos da arte na cidade. Esse autor investiga os espaços criados com determinadas intenções, mas não se pode deixar de pontuar sobre qual intenção político-social-mercadológica se promove essa criação.

⁶ "Trata-se do espaço planejado, instituído, aquele das normas técnicas (que são apresentadas como apolíticas), ou seja, um espaço que normatiza o que os cidadãos podem ou não fazer, que é apresentado como neutro, como se não tivesse sido planejado para garantir a realização de uma estratégia de reprodução que exige, no capitalismo, não só a manutenção da desigualdade socioespacial, como, em geral, de seu aprofundamento e, ao mesmo tempo, busca o controle social" (ALVES, 2019).

⁷ Para Lefebvre (1992, p.98) "[...] o espaço vivido por meio das imagens dos símbolos que o acompanham é, pois, o espaço dos moradores, dos usuários, mas também de certos artistas e talvez daqueles novelistas e filósofos [...] Trata-se do espaço dominado, isto é, passivamente experimentado, que a imaginação deseja modificar e tomar."

⁸ Bourdieu (1992) compreende que o *ethos* é indissociável do que ele chama de *habitus*, a arte de viver, a maneira global de agir. Nesse sentido, como componente do *habitus*, o *ethos* em Bourdieu representa o conjunto de

A urbanidade presente na cidade não se constitui apenas pelas edificações e infraestrutura que possui, ou pelo marketing veiculado, ela também ocorre mediante a interação cotidiana dos sujeitos com as estruturas, dos sujeitos com outros sujeitos, dos sujeitos com as ordenanças e com os ideais imaginários. Também se manifesta pelas apropriações e relações que nela se estabelecem, evidenciando que a constituição do tecido social e da vida coletiva é formada pelos encontros e choques advindos das diferenças dos sujeitos nos espaços sociais que ocupam.

Nesse sentido, a cidade de Ouro Preto torna-se bem maior que seu centro histórico. A vida na cidade pulsa em cada morro, em cada igreja, em cada terreiro, em cada ladeira no subir e descer cotidiano de seus habitantes. Pulsa pelo grande movimento de jovens que circulam na cidade. Pulsa em cada comunidade que guarda tradições herdadas de suas ancestralidades africanas. Pulsa em cada prática cultural e de lazer que os sujeitos se envolvem, seja no centro ou nas periferias. Enfim, a cidade se expressa em sua cotidianidade interagindo pela mescla social apresentada nas práticas sociais vivenciadas.

A partir da percepção da diversidade de juventudes que habitam, ocupam e disputam os espaços sociais da cidade de Ouro Preto, algumas indagações se fizeram presentes. Onde os jovens se encontram para vivenciarem seus lazes? Em que tipo de experiências eles se envolvem? É possível identificar barreiras sociais, físicas ou simbólicas, que podem (co)existir entre os jovens habitantes? Em que medida a experiência de alteridade interfere na sociabilidade?

O foco desta pesquisa se debruça em conhecer e mapear experiências de lazer e de cultura dos jovens que vivem na cidade Ouro Preto, identificando possíveis relações estabelecidas a partir dessas práticas sociais e de suas territorialidades.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos dessa pesquisa, foi preciso manter uma abordagem de natureza qualitativa. Como salienta Yin (1989, p.23), “[...] a pesquisa qualitativa investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes, caso em que são usadas múltiplas fontes de evidências”.

A metodologia que seria usada na pesquisa era a etnografia. Porém, com o advento da pandemia da COVID-19, enfrentada no início da investigação, a aproximação física dos princípios interiorizados que guiam a conduta pessoal de forma inconsciente.

sujeitos/práticas tornou-se inviável. Adequando a metodologia, passou-se a procurar e investigar as práticas a partir dos veículos de comunicação e informação disponíveis (jornais locais, redes sociais e virtuais, rede de amigos etc.). Foram identificados diversos espaços e pessoas, e a partir dessa identificação, os contatos com os representantes dessas práticas foram feitos através do Facebook, Instagram e WhatsApp. A partir do contato estabelecido, da explicação do projeto de pesquisa e do aceite dos sujeitos em participar, as entrevistas foram realizadas, via Google Meet, sendo gravadas e armazenadas, para posterior transcrição e análise. Todos os entrevistados deram seu aceite ao Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o consentimento para gravação da entrevista.

As entrevistas semiestruturadas foram guiadas objetivando conhecer as dinâmicas dos projetos/espaços, a história de sua criação, como sobrevivem, os sujeitos que nela se envolvem, buscando-se identificar as relações que se estabeleciam nessas práticas. Sendo objetivo principal da entrevista conseguir informações mais profundas para níveis não quantificáveis da realidade, acerca dos sentidos, das experiências humanas, das emoções, num contexto social contemporâneo, a escolha por essa modalidade de entrevistas justifica-se pelo fato de a pesquisa ser um estudo no qual a subjetividade dos sujeitos representa algo predominante.

Para tanto, adotou-se a perspectiva da cartografia social (DELEUZE; GUATTARI, 1995), como o caminho possível para o alcance dos objetivos. Pois, a cartografia social não busca um mapeamento físico, mas procura as relações, os jogos de poder, as lutas e enfrentamento de forças, bem como a estetização de si mesmo em processos de ações micropolíticas.

Para o tratamento e a interpretação dos dados, seguiu-se os pressupostos da cartografia social procurando encontrar possíveis relações, enfrentamentos e cruzamentos entre jogos de poder, linhas de fuga, práticas de resistência e liberdade, modos de objetivação e subjetivação que possam descrever através das trajetórias individuais e coletivas desses jovens, as formações rizomáticas, vivenciadas e construídas a partir das práticas de lazer e de cultura em Ouro Preto.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto. CAAE: 26062319.9.0000.5150.

SOBRE AS JUVENTUDES E OS LAZERES

Abordar o tema juventude e lazer é sempre um desafio, pois se os dois vocábulos se apresentam inter relacionados de forma explícita, ao mesmo tempo, as diferentes visões dos sujeitos e suas experiências nas práticas sociais não seguem uma linearidade, podendo ser

compreendidos por diferentes discursos e sentidos na tentativa de explicá-los. Nesse tópico a ideia é deixar evidente sobre quais compreensões os termos juventudes e lazer são abordados na pesquisa.

A juventude geralmente conceituada como uma etapa biológica de transição para a fase adulta, apresenta uma perspectiva ampliada quando, na juventude, cabem inúmeras experiências singulares que variam e dependem dos contextos sociais, culturais e históricos que os jovens se encontram. “A juventude não é simplesmente um grupo etário, mas a organização social de um grupo etário” (FRITH, 1984, p.2). Por isso, compreendê-la para além do critério biológico e etário, perpassa o entendimento de que a juventude é uma construção social, que partilha certas características socioculturais que a diferencia dos outros grupos da comunidade (CAMPOS, 2020).

Enquanto o critério etário unifica a juventude, o critério sociológico traz à tona suas diversidades. Nessa perspectiva e diante da complexidade e heterogeneidade do contexto de sujeitos jovens e suas vivências na cidade de Ouro Preto, é necessário referir-se à juventude ouro pretana no plural - juventudes! Como proposto por alguns autores, como Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2003) e Helena Abramo (1994).

Os múltiplos contextos aos quais as juventudes estão inseridas, e que condicionam seus modos de ser, de agir e de se engajar em práticas sociais nos permite refletir sobre suas heterogeneidade e características socioculturais. Isso significa dizer que cada engajamento/pertencimento depende da classe, da raça/etnia, do gênero, da educação, do território, entre outros marcadores identitários. As juventudes vivenciam diferentes experiências e atravessam diversas formas de se expressar, que comungam com suas maneiras de resistir simbolicamente enquanto uma organização social em constante modificação (PEREIRA; LACERDA, 2012). As vivências de lazer, em todas as suas potencialidades, também refletem esses marcadores sociais, o que implica falar em diferentes condições de acesso para sua fruição e sinaliza que sua garantia como um direito social permanece distante da realidade, principalmente, dos que pertencem a classe economicamente desfavorável.

Nesse contexto, interessa-nos destacar sobre essa diversidade juvenil no que tange o envolvimento em diferentes práticas culturais que se relacionam ao lazer e aos espaços de sociabilidade na cidade de Ouro Preto. Neste ponto, é preciso fazer uma distinção dos espaços que a pesquisa percorreu.

Já foi evidenciado que a cidade por fazer parte das cidades com alto potencial turístico possui um amplo calendário de eventos festivos que ocorre em seu centro histórico. Esses eventos, que também fazem parte das possibilidades de lazer da cidade, em alguma medida,

estão conectados à categoria de lazer mercadológico e de entretenimento. Entretanto, a pesquisa procurou focar o olhar para espaços que os jovens se apropriam, espaços de pertencimento que constroem suas normas, suas expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e suas subjetividades. Pois, o lazer

[...] se constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. Assim considerado, o lazer pode ser espaço de aprendizagem das relações sociais em contexto de liberdade de experimentação (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2008, p. 30).

Outro ponto relevante, foi que a pesquisa se debruçou à compreender as práticas de lazer das juventudes para além de alguns preconceitos que associam a categoria juvenil como um problema social, interligando-as a situações de risco como violência, a gravidez precoce, ao tráfico, ao consumo de drogas lícitas e/ou ilícitas como apontam Dayrell e Gomes (2002, p.91). A ideia também não era focar nesse jovem como heróis revolucionários contra o sistema hegemônico ou como protagonistas sociais capazes de mudar o mundo a partir de seus movimentos contestatórios. O foco foi, sim, buscar os espaços nos quais os jovens da cidade de Ouro Preto fruem seus lazeres procurando compreender os sentidos dessas práticas e as relações desenvolvidas.

Nesse sentido, o observado foi que, em sua maioria, esses espaços de lazeres foram encontrados nos bairros periféricos, nos espaços descentralizados da cidade, longe dos holofotes turísticos. Como a busca se deu através de práticas corporais, encontramos esses sujeitos e seus corpos brincantes em diferentes práticas, que se constituem na juventude, colocando seus anseios e seus desejos através de suas expressões e de seus movimentos, que ecoam e firmam relações sociais que são capazes de os fortalecer enquanto grupo.

O CORPO BRINCANTE NOS LAZERES PELA CIDADE: UM MOSAICO

Nesse tópico, cada prática encontrada será descrita procurando evidenciar sua territorialidade, o significado da prática pelo olhar do entrevistado e a compreensão do Corpo Brincante como possibilidade da expressão do sujeito.

Vivenciadas como práticas de lazer, esses achados pela cidade corroboram o pensamento de Christianne Gomes (2014) ao compreender o lazer como necessidade humana e dimensão da cultura constituída a partir da articulação de três elementos fundamentais: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social. Em todas as práticas

como educadora de valores e guardiã da cultura de matriz africana, desenvolvendo a capoeira como instrumento para mudanças de ações e manifestações frente a realidade de cada um e do coletivo. O corpo brincante para Claudinei, o contramestre entrevistado, “se refere ao corpo que brinca e quando se está jogando capoeira sentimos a satisfação de uma brincadeira, de uma diversão, de um esporte, de lazer e de cultura”.

Na praça da Estação duas práticas coexistem no mesmo espaço físico, a lona: o projeto Circo da Gente e o grupo luna de Capoeira Angola. O Circo da Gente é um programa de ação sociocultural e educativa que faz uso das artes circenses para oportunizar o desenvolvimento integral às crianças e jovens, contribuindo para promoção dos Direitos de Crianças e Adolescentes e o empoderamento da juventude local no exercício ativo de sua cidadania. Desenvolvido pela Organização Cultural Ambiental, OCA tornou-se um projeto de extensão da UFOP pelas artes cênicas. As entrevistadas Atylana e Luciene afirmam que:

[...] o corpo brincante na prática circense é reconhecido a partir das práticas lúdicas vivenciadas, que experimentando o autoconhecimento corporal abre espaço para a criatividade e a construção de elementos subjetivos que contribuem para uma formação integral dos sujeitos.

O grupo luna de Capoeira Angola, existente em Ouro Preto desde 2014, desenvolveu sua atividade por alguns bairros de Ouro Preto, como o Padre Faria e Antônio Dias. Porém, pela inviabilidade econômica para a manutenção e sustento dos espaços físicos, visto ser uma prática gratuita, mudou-se várias vezes, tendo em 2018 suas ações, da capoeira angola, acolhidas junto ao espaço do projeto Circo da Gente. Na entrevista foi relatado que a prática da capoeira angola transcende as palavras e por isso o corpo é tão importante para esse trabalho. Além das práticas físicas, o grupo se dedica ao ensino da musicalidade e do conhecimento histórico dentro da capoeira, propiciando um resgate da ancestralidade afro-brasileira, além da sociabilidade, da arte, da luta, do autoconhecimento, se fazendo presente como representação política do negro na cidade.

A Guarda de Moçambique do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia, umas das guardas do tradicional Congado Mineiro, foi encontrada no bairro Padre Faria. O congado é uma manifestação afro religiosa cultural, valorizada e protegida como Patrimônio Imaterial de Ouro Preto, onde se louva os santos protetores com demonstração de fé, de resiliência e resistência negra, lembrando os ancestrais e resgatando a africanidade do povo preto da cidade. Na entrevista o jovem Capitão Kedison relata o importante papel de sociabilidade e empoderamento da cultura negra que a criação dessa guarda trouxe para sua família e para os jovens do bairro. A Guarda de Moçambique é um dos lugares que salvaguarda as tradições mantendo a comunidade unida na intenção de perpetuar essa tradição e atualmente

muitos jovens participam dessa manifestação. A Guarda é um orgulho da comunidade negra! Afirma Kedison. E aponta também, que o corpo brincante é “[...] percebido e vivenciado na transmissão do saber pela dança congadeira, porque o corpo fala, o corpo transmite uma mensagem”.

Em São Bartolomeu encontrou-se na Festa da Goiaba a representação da cultura local promovendo e valorizando a tradição centenária do “saber fazer doces”. O envolvimento dos jovens se mantém graças ao conhecimento passado de geração em geração dentro das famílias. A festividade reúne a comunidade local e turistas, que reconhecem a identidade doceira do distrito. Acontecendo desde 1993, fechando o ciclo das chuvas também conhecido como “enchente das goiabas”, a celebração do fim da colheita das goiabas é Patrimônio Imaterial de Ouro Preto e desde 2009 é organizada pela Associação de Doceiros e Agricultores Familiar (ADAF). A festa além das barraquinhas de doces tem ampla programação artística entre elas algumas manifestações culturais como o Boi da Manta.

A manifestação cultural do Boi da Manta, encontrada no mesmo distrito, é de grande tradição. Passou um tempo esquecida, sem aparição e foi retomada como um projeto cultural, a partir de oficinas (artes plásticas, percussão, expressão corporal) desenvolvidas por moradores e artistas da cidade. Fazer parte de uma tradição se torna orgulho dos mais jovens, expressados nas músicas com a temática de São Bartolomeu, dos doces, do Patrimônio, o que acaba por constituir também suas identidades. Voltando a se apresentar na Festa da Goiaba e resgatando, junto aos jovens e as crianças, a vivência lúdica das gerações mais velhas com grande significado para o povo de São Bartolomeu. O corpo brincante aparece nessa prática reconstruindo raízes de forma muito simples, afirma Willer. “Ele simplesmente acontece, o velho vira menino, o menino virá velho, faz teatro sem nunca ter feito curso, porque precisa disso para brincar”.

Voltando a Ouro Preto encontramos projetos/manifestações que carregam a música e a dança como essências: o circuito do forró e do samba. Esses circuitos perpassam por diferentes bairros da cidade se alocando nos diferentes espaços em dias alternados. No bairro Piedade, o projeto da Escola de Samba Aliança da Piedade foi acolhido pela comunidade, valorizando os talentos locais e trazendo um espírito de pertencimento para as pessoas do bairro. Sua participação no carnaval é uma força local. A comunidade interage na preparação do carnaval, que começa em outubro e se estende até fevereiro/março, se envolvendo nos ensaios de bateria, na criação das fantasias, do samba enredo e na confecção dos carros alegóricos. Além disso, existe uma interação entre os jovens universitários republicanos e a juventude local nos ensaios de bateria dentro da comunidade e na própria festividade do carnaval de rua. Ao ser

indagado sobre o corpo brincante na escola de samba, David o segundo apitador da bateria, nos afirma que “[...] a partir do momento que a escola de samba entra na Praça Tiradentes ela se torna um corpo brincante, pois todas as pessoas entram com alegria, com sorriso no rosto e orgulho de representar a sua comunidade”.

No circuito do forró foi possível encontrar dois espaços. Um é o grupo “Dois a Dois” que agrega jovens universitários. A proposta do grupo gira em torno de aulas de forró, e acaba por se tornar um espaço onde a socialização acontece e se torna um grupo que acompanham juntos o circuito de forró pela cidade. O outro é o Bar da Nida, localizado no morro São Sebastião, que além do forró também faz parte do circuito do samba, tendo as sextas destinadas ao forró e os domingos, ao samba. É possível perceber que o público é formado a partir de uma mescla social efetivando a experiência de alteridade a partir das experiências de lazer entre jovens ouro pretanos, da própria comunidade do Morro São Sebastião, universitários e turistas, Por ambas manifestações, percebe-se a aproximação entre as comunidades universitária, periférica e turística, nesses espaços. Segundo Nida, a entrevistada e responsável pelo bar, “o corpo brincante é magnífico! Aparece no movimento, nos rodopios, no malabarismos que principalmente o pessoal que dança forró faz. O corpo por si só já fala, imagina através da música, com a música. Fica tudo mais prazeroso e traz uma alegria muito grande”.

Marcado por sua relevância para a população, mas desmontado por falta de incentivo político e econômico, encontramos o projeto Timbalê, que se iniciou dentro do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto, educando a partir de distintas atividades. Primeiramente com o basquete e reforço escolar e com a expansão de políticas públicas da época, outras atividades foram inseridas, mas, foi interrompido por falta de investimentos e parcerias. Com a impossibilidade de continuar funcionando no IFMG, o projeto foi acolhido pela Casa de Cultura do Padre Faria ampliando as atividades e levando outras vivências para a população local, desenvolvendo oficinas de dança, rádio, tv etc. Para Hanster um dos monitores do projeto que havia participado dele enquanto aluno do IFMG, o corpo brincante se expressa na socialização, na boa oratória, a partir das possibilidades culturais vivenciadas.

É possível relatar que as práticas encontradas, em sua maioria, se estabelecem em espaços percebidos criando uma atmosfera ligada à práxis social e em alguns momentos é possível perceber esse mesmo espaço como vivido, um espaço de subversão. A tríade percebido/concebido/vivido na produção do espaço e os sentidos produzidos neles, estão diretamente ligados à subjetividade dos sujeitos. Em várias práticas encontradas a existência da experiência de alteridade foi relatada de forma contundente. A mescla social da juventude ouro-pretana se apresenta e se dilui em lazeres que favorecem a sociabilidade, os encontros e as

práticas subversivas da ordem social excludente, seja simbólica ou efetiva. A partir da dimensão corporal Lefebvre (1992, p.98) explica a articulação indissociável dessa tríade e afirma que “[...] a prática social supõe o uso do corpo”. Na investigação sobre os corpos brincantes também nos deparamos com corpos estéticos, corpos expressivos, corpos combatentes, corpos poéticos, corpos lúdicos que se realizam nas práticas culturais que se envolvem.

ALINHAVANDO OS ACHADOS DO MOSAICO: À GUIA DE CONCLUSÃO

Falar dos lazes de jovens implica compreender que essa categoria, abarca as juventudes (no plural) como processos de crescimento dos sujeitos atravessados pelas realidades sociais distintas que se apresentam em seus contextos. Sendo uma experiência que sofre forte influência das “indústrias culturais” com tendências à homogeneização pela cultura de massa, é preciso olhar para esses tempo/espço de lazer sendo percebidos sob os modos de existência concreta, percebidos a partir da perspectiva rizomática (DELEUZE; GUATTARI, 1995) que implica em uma mudança de percepção das práticas. Essa mudança deixa de perceber a realidade como unidade e passa a percebê-la como multiplicidade de velocidades e fluxos que a compõem como uma dimensão dinâmica e heterogênea, ou seja, uma imanência absoluta (AGAMBEN, 2000).

O recorte proposto na pesquisa são as práticas sociais coletivas que os jovens que vivem na cidade de Ouro Preto se engajam, marcando as identidades juvenis pelo desejo de conviver em grupo e pelos movimentos contestatórios.

Todas as práticas encontradas apresentam relação direta com aspectos enraizados da cultura brasileira. Capoeira, Congado, Circo, Hip hop, Samba, Forró, Boi da Manta etc. Muitas dessas práticas em algum momento da história do país foram proibidas ou não eram “vistas com bons olhos”, pois tensionavam o sistema vigente e ainda hoje o fazem como resistência. Representante da cultura popular, muitas dessas práticas também se engajam nas lutas sociais pois abordam as realidades a partir de suas múltiplas linearidades constituintes: a criação e o devir.

Este cruzamento dinâmico dos lineamentos apresenta, por sua vez, um jogo simultâneo de resistências: resistência do real já constituído às forças de transformação, e resistência das linhas de criação à captura das forças conservadoras, ambas ao mesmo tempo. Neste jogo de forças, importa a Deleuze e Guattari resistir ao que, em uma situação concreta, deixa pouco lugar para a novidade (MELO, 2020).

A experimentação dessas práticas, em maior ou em menor proporção, propicia aos sujeitos o reconhecimento de seus direitos cidadãos, marcam a representatividade racial negra, mantém tradições ancestrais, provocam a ordem hegemônica a partir de suas expressões, ativam o sentimento de pertencimento que muitos jovens buscam e provoca a reflexão sobre em quais multiplicidades os jovens participam e a partir de quais eles (individualmente) se transformam.

Observando o Mapa 1 apresentado, as práticas culturais e de lazer dos jovens ouro-pretanos que foram cartografadas, estão localizadas fora do centro da cidade. O que nos leva a acreditar que muitas das práticas que os jovens da cidade se envolvem, não acontecem no centro histórico da cidade e se mantêm afastadas dos holofotes turísticos. Observou-se que a relação do lazer com a territorialidade que os jovens pertencem corrobora Magnani (2003) quando sugere que muitos jovens desfrutam de seus lazers em companhia de amigos do bairro, chamando a atenção para o “pedaço” como espaço propício à sociabilidade juvenil. Porém, por ser uma cidade estudantil na qual muitos jovens de outras cidades vêm morar, foi possível verificar que muitos desses espaços são abertos à aproximação de “forasteiros” e essa convivência propicia experiências de alteridade. A partir das entrevistas notou-se que existe, por parte dos representantes, um desejo de ampliar o reconhecimento da prática como algo importante para a comunidade e de aproximação com os sujeitos desconhecidos, os que não pertencem ao pedaço. E para os “forasteiros” se aproximarem de práticas locais, em espaços de pertencimento territoriais, acaba gerando a possibilidade de conhecer, se integrar e participar de uma ação coletiva social, que passa a pertencer ao seu universo juvenil. É a mescla social acontecendo a partir das afinidades desenvolvidas e dos choques provocados nos lazers.

A pesquisa, até o momento, mapeou onze práticas culturais. Longe de alcançar a totalidade, abarcou-se certa diversidade de práticas e contextos que coexistem nesses espaços sociais. O corpo em movimento dentro das dinâmicas culturais e de lazer ocupam espaços, se apropriam das ruas e propiciam sociabilidades. Por onde passa um corpo em movimento, rastros de sua subjetividade são deixados e muitos corpos se movimentando juntos, carregam a força das práticas culturais e a manutenção de tradições (re)inventadas.

Em comum, todas elas, apresentam como possível linha de fuga a tentativa de romper com o sistema opressor. Essa ruptura abre espaço para a criação de laços e relações fortes de pertencimento, de resistência, de sociabilidade, de empoderamento, de festividade, de luta. Todas as práticas reivindicam seu espaço e a preservação de uma cultura, de um saber, de um mover-se no sentido de constituir subjetividades que pretendem resistir, trazendo a possibilidade de uma construção do “eu” mais fortalecido. Mas não se pode esquecer que a ideia de unidade

conservada está desfeita, não existe um processo único para diferentes jovens, e assim, “[...] a linha de fuga de alguém, grupo ou indivíduo, pode muito bem não favorecer a de outro; pode, ao contrário, barrá-la, interdita-la, e lançá-la ainda mais em uma segmentaridade dura” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 250).

Essas práticas encontradas dialogam entre si e são consideradas fruição de lazer. Como uma dimensão da cultura e uma necessidade humana (GOMES, 2014), estão presentes como um “[...] campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais” (BRENNER; DAYRELL; CARRANO, 2005, p. 176). Nas dinâmicas sociais, frequentadas por jovens, encontradas pela pesquisa, deparou-se com a expressão dos sujeitos a partir de seus corpos brincantes e de seus potenciais de mutação, que ao vivenciarem o movimento lúdico engajados com o sentimento de pertencimento e de empoderamento vislumbram suas potências políticas, éticas, sociais e estéticas diante do mundo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. **Cenas Juvenis**: Punks e Darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

AGAMBEN, Giorgio. A imanência absoluta. In: ALLIEZ, Éric. **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ALVES, Glória da Anunciação. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana concebido/percebido/vivido. **Geosp Espaço e Tempo** (Online), v. 23, n. 3, p. 551-563, dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/163307>. Acesso em: 10 dez. 2021.

AUGOYARD, Jean-François. Vers une esthétique des Ambiances. In: AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul; CHELKOFF, Gregoire. **Ambiances en Débat. Bernin**. Paris: À La Crossier, 2004.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: ABRAMO, H. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude Brasileira: Culturas do Lazer e do Tempo Livre. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil** Brasília, 2008. p. 29-44. (Série B. Textos Básicos de Saúde)

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

CAMPOS, Ricardo M. de O.. Juventude e culturas de rua híbridas. **Sociol. antropol.** Rio de Janeiro, v.10, n.2, p 587–613, maio/ago. 2020.

CARDOSO, Letícia de F.; MELO, Mônica Aparecida S. S. de. **Uma abordagem sociológica do conceito de juventude - ou seria ... jovens e juventudes?** In: FÓRUM FEPEG, 8. Apresentação de trabalho científico, 2014. Disponível em: http://www.fepeg2014.unimontes.br/sites/default/files/resumos/arquivo_pdf_anais/conceito_de_juventude_-_fepeg-2014.pdf. Acesso em: 25 set 2022.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. C. **Jovens no Brasil: Dífceis travessias de fim de século e promessas de outro mundo**, 25ª Reunião anual da ANPED, 2003. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. A juventude no Brasil: questões e desafios. In: MATOS, Marlise; GOMES, Nilma Lino; DAYRELL, Juarez. (Orgs.). **Cidadania e a luta por direitos humanos, sociais, econômicos, culturais e ambientais**. 1 ed. Belo Horizonte: DCP/FAFICH/UFMG, v.5, 2002. p. 89-113.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed.34, 1995. v.I.

FALCÃO, Denise. Trabalho e lazer de músicos de rua em cidades turísticas: migrantes que vivem dessa arte em Barcelona e no Rio de Janeiro. **Caderno Virtual de Turismo**, v.19, n. 2, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18472/cvt.19n2.2019.1471>. Acesso em: 25 set. 2022.

FRITH, Simon. **The sociology of youth**. Lancashire: Causeway Press, 1984.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. p.3–20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 25 set. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1992.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MAGNANI, José Guilherme. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2003.

MELO, Danilo. Experimentação e prudência no pensamento rizomático de Deleuze e Guattari. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 3-19, jan./jul. 2020.

PEREIRA, Marcos V.; LACERDA, Miriam P. C. de. Juventudes: Notas para reflexões. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 185-206, set 2011/fev 2012.

RELATÓRIO CPA CAMPUS OURO PRETO, 2019. Disponível em: <https://www.ifmg.edu.br/ouopreto/institucional/comissao-propria-de-avaliacao-cpa/relatorios/relatorios-de-autoavaliacao-cpa-campus-ouro-preto/relatorio-cpa-campus-ouro-preto-2019/view> Acesso em: 20 dez. 2021

UFOP.UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. [Site oficial História da UFOP]. Ouro Preto, 2021. Disponível em: <https://ufop.br/historia-da-ufop> Acesso em: 20 dez. 2022.

YIN, R. K. **Case study research: design and methods**. Newbury Park, Beverly Hills/CA: Sage Publications, 1989.

Declaração de conflito de interesses

As autoras declaram não haver conflito de interesses.

Contribuições dos autores

Todas as autoras contribuíram em todas as fases da construção deste artigo.

Submissão: 30/03/2022

Aceite: 29/04/2022